

Governo dos EUA estuda solução duradoura para dívida brasileira

por Reginaldo Heller

do Rio

O governo norte-americano decidiu tomar a iniciativa direta de examinar, em profundidade, a atual crise econômica brasileira e levantar hipóteses de trabalho próprias para uma solução global e duradoura da sua dívida externa. Para isso, enviou uma missão composta de um alto representante do Federal Reserve Board (Fed, o banco central dos Estados Unidos) e do Departamento do Tesouro com o objeti-

vo de recolher dados e opiniões dos mais diferentes setores da economia que servirão de subsídios aos estudos que deverão ser desenvolvidos pelo Departamento de Estado e outros órgãos da administração federal norte-americana.

Thomaz Glaessner, da Divisão de Finanças Internacionais do Fed, e Bruce Juba, do setor de nações em desenvolvimento do Departamento do Tesouro, chegaram no início desta semana e estão sendo cice-

roniados pelos adidos financeiros da Embaixada dos Estados Unidos, John Abbott, também representante do Tesouro.

A agenda de visitas inclui contatos com banqueiros, empresários, economistas, Banco Central e Sepplan. Nos primeiros dias, eles já estiveram na Fundação Getúlio Vargas e com o ex-presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni. Segundo versões apuradas por este jornal, mas não confirmadas oficialmente, o Departamento de Estado americano estaria firmemente decidido a participar com propostas concretas de solução para o "caso brasileiro", por recomendação do próprio presidente Reagan, tendo em vista a condição deste importante aliado no hemisfério. Tais propostas poderiam, segundo essas mesmas versões do setor privado, serem apresentadas durante a chamada fase três da renegociação da dívida externa brasileira, prevista para meados do próximo ano.

Os dois altos funcionários do governo americano já foram informados que encontrarão, na área governamental, um clima de franco otimismo em relação ao processo de ajustamento. Além das perspectivas de queda da taxa de inflação nos próximos meses, as autoridades vêm manifestando seguidamente confiança no desempenho

da política adotada após o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Além do superávit comercial e das ótimas perspectivas da próxima safra agrícola, as autoridades contam com um razoável saldo de caixa, equivalente a reservas internacionais, próximo a US\$ 1 bilhão para entrar o ano sem atrasos, e líquidas, para assegurar os pagamentos em dia por alguns meses.

Este saldo decorre do superávit comercial e de refinanciamento da dívida com o Clube de Paris, antes incluído no projeto 2 (renovação automática das amortizações). Além disso, estão seguras do controle monetário, tendo obtido em novembro uma primeira vitória ao reduzir a taxa anual de expansão dos meios de pagamento de 99 para 92% e a retomada de uma política de juros que redireciona a poupança interna do consumo para os ativos financeiros. Segundo apurou este jornal, também o subcomitê de economia do comitê de assessoramento da dívida externa deverá encaminhar sua análise sobre a economia brasileira. Ainda ontem, um representante do Bankers Trust esteve na Fundação Getúlio Vargas, onde, inclusive, chegou a discutir com professores da escola de pós-graduação em economia sua visão das perspectivas da economia internacional em 1984.